

QUEBRANDO A ROTINA EM UMA INSTITUIÇÃO TOTAL: EXPERIÊNCIAS ALINHAVADAS PELA MEMÓRIA

MARIA WALESKA SIGA PEIL¹; DANIELE BORGES BEZERRA²; JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES³

¹ Universidade Federal de Pelotas – mwalpeil@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - borgesfotografia@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho abordaremos o relato de experiência do projeto de extensão “Objetos biográficos e narrativas afetivas no Asylo de Mendigos de Pelotas” e o processo de coleta de dados para uma futura exposição museográfica. As memórias assim como a narrativa são um processo constituinte na identidade dos indivíduos; entretanto, se não forem compartilhadas acabam por serem apagadas quando os idosos saem do seu círculo produtivo e familiar e passam a viver em casas de longa permanência com características similares às propostas por Erving Goffman (2001) em relação às “instituições totais”. O asilamento, nesse caso, pode servir tanto como uma circunstância que origina formas de resistência como de desistência perante à vida. Pois nesses casos é comum que a pessoa se sinta deslocada, sem um lugar de referência tido como seu, um canto no mundo, tal como proposto por Bachelard (1993). Nesse sentido, os objetos, potencialmente “enraizadores” representam uma função importante de ancoragem no mundo e de estabilidade no tempo.

A partir do projeto de extensão, de caráter multidisciplinar e oriundo do curso de Museologia, propõe-se a análise do ambiente asilar concomitantemente à musealização dos locais de sofrimento (SANTACANA MESTRE; HERNÁNDEZ CARDONA, 2006), considerando o asilo uma instituição de segregação e homogeneidade, o que fica claro pela característica refratária dos objetos institucionais, tais como: mobiliário, utensílios, canecas, vestuário, por exemplo. Estes elementos materiais presentes na instituição, com função utilitária, são uniformes e privados de identidade. Identificam o lugar, mas não os seus moradores, pois são de todos e de nenhum.

O antropólogo Joel Candau (2010) fala dos objetos como “sociotransmissores”, elementos capazes de favorecer conexões entre as pessoas, tal como os neurônios estão para as sinapses. Consideramos, assim, os objetos como elementos constituintes da vida social. Nessa relação entre objetos, tempo, identidade e memória no interior de uma instituição de longa permanência percebemos que os idosos possuem poucos objetos anteriores à institucionalização. Os motivos são vários, segundo seus relatos: quiseram deixar tudo para trás; foram trazidos só com a roupa do corpo; perderam tudo o que tinham; não puderam levar consigo; foram incentivados a não levar; etc. E como os recursos individuais no presente são escassos, poucas aquisições novas são feitas. Destacam-se como objetos valorizados no presente: instrumentos musicais, fotografias, um frasco de perfume, uma boneca, tida como filha, objetos produzidos por eles.

O interesse em construir uma museografia a partir desse lugar de esquecimento demonstra o desejo de trazer à luz esses indivíduos e suas memórias, assim como relatar suas formas de resistência e apagamento, vida e desesperança

após a entrada em um local onde o tempo não parou; ele simplesmente transcorre de outra forma. Sobre isso, Daniele Borges Bezerra (2013) enfatizou, no seu trabalho de dissertação que, em alguns casos, estar no asilo pode representar o fim de um ciclo, pois, para a maioria, não há perspectivas de saída ou de recomeço a partir do asilo. Apesar de ser um lugar de esquecimento, o asilo acaba sendo um local onde as memórias são constantemente acessadas. Pois, tal como afirmou Ecléa Bosi é nessa fase da vida que o idoso se ocupa de algo que lhe é natural: lembrar. Assim, nossa prática de extensão estimula e valoriza os “narradores” (BENJAMIN, 1994) institucionalizados

2. METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa de cunho investigativo em uma instituição total, enfocamos o indivíduo em suas relações sociais. As atividades ocorrem mediante visitas feitas uma vez por semana e de conversas com os idosos do local. A construção do grupo se deu espontaneamente e a partir das relações que foram sendo construídas ao longo do tempo. Atuamos com cerca de 16 interlocutores, oito homens e oito mulheres.

Além da história oral trabalhamos com a fotografia que, segundo Joel Candau (2012) é uma “arte da memória”, que permite representar materialmente o tempo passado. A partir dela o sujeito cria o “suporte de uma narrativa possível” (CANDAU, idem, p. 90) dele próprio ou de sua família. Ao serem convidados a serem fotografados, a maioria dos idosos expressou o desejo de ter posteriormente o objeto físico, ou seja, a fotografia impressa em suas mãos. Com isso, o tempo pode ser materializado, e a fotografia, enquanto artefato da memória, passa a constituir um acervo pessoal (Cf. BEZERRA, 2013) que agrega significado à identidade presente daquele que se vê, ao passo em que gera novas memórias.

Em relação à narrativa, foram formalizadas minibioografias dos idosos a partir de seus próprios relatos e que serão utilizadas como suporte museográfico de uma futura exposição. Os relatos também servirão como mediadores de experiências aos visitantes da exposição, fazendo com que estes apropriem-se de suas histórias de vida, propondo assim, uma reflexão acerca desta fase de vida, quando ocorre o asilamento.

Pensando na questão museográfica e admitindo toda “a exposição como um produto simbólico” (SCHEINER, 2006, p. 18) cabe ressaltar aqui a ideia de Nova Museologia que pensa o museu para todos e com todos, e enfatiza questões pertinentes à sociedade como um todo, eticamente comprometida com as minorias, historicamente deslocadas destes lugares, considerando também os cidadãos reivindicadores de sua própria cultura como um recurso identitário. Trabalhando construtos como memória e identidade, mediante imagens e relatos, propõe-se um novo olhar àqueles que, por vezes, são relegados ao esquecimento, especialmente na sociedade atual pós-moderna, onde os movimentos são cada vez mais transitórios e líquidos (BAUMAN, 2001) sem espaço para a observação e reflexão que este novo período de vida dos idosos pode proporcionar.

Os registros coletados ao longo do processo, como fotografias de objetos pessoais, retratos dos asilados e as notas de campo também foram sistematicamente compartilhadas entre os participantes do projeto de extensão e frequentadores do Asylo, em um grupo fechado na rede social Facebook. Já nas reuniões quinzenais discutimos as experiências com o grupo, falamos sobre os sentimentos gerados e projetamos abordagens para os encontros seguintes. Essa

prática permitiu outros questionamentos entre os membros do projeto ao mesmo tempo em que impulsionou a discussão de assuntos referentes à vida na terceira idade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa feita a partir do projeto de extensão, proposto pelo Museu das Coisas Banais e o curso de Bacharelado em Museologia, tendo como referência a pesquisa de mestrado “Patrimônio afetivo e fotografia: Relicários da memória no Asylo de Mendigos de Pelotas” (BEZERRA, 2013) permitiu a constatação da existência de vozes ativas dentro do Asylo de Mendigos de Pelotas. Temas como amor, amizade, família e produtividade comprovam a existência de uma vida pós-asilamento e que ainda resiste às imposições institucionais nesta fase da vida ou às dificuldades enfrentadas nessa fase em asilamento. Esses idosos ainda amam, constroem relacionamentos durante sua estada, criam novas famílias, enquanto alguns ainda relembram as que deixaram, assim como também seguem produzindo, seja manualmente ou intelectualmente.

Ao longo das visitações, foi possível observar a vontade dos idosos em participar do projeto e de engajar-se nas conversas, mostrando suas habilidades manuais, musicais e intelectuais enquanto compartilhavam suas histórias de vida. Até mesmo quando foram avisados sobre a futura exposição _ o que poderia ter gerado ansiedade e receio _ mostraram-se dispostos a participar ativamente da exposição com empréstimo de objetos, fotografias, narrativas, demonstrando contentamento com o destaque que lhes será dado, sentindo-se valorizados.

Nesse sentido, pensando na socialização dos resultados da extensão pelo MCB, a ativação da memória como recurso de empoderamento no presente é também uma forma de valorizar as experiências e fazer destes interlocutores exemplos de luta e superação. Essas experiências quando compartilhadas chamam atenção para a própria noção de valor. Pois a terceira idade, geralmente, é o momento dos balanços, momento de destacar o que realmente importa, os aspectos imateriais presentificados pela memória e animados pelos afetos. Portanto, no campo museológico, memória e transformação social podem e devem caminhar de braços dados para que o público do Museu, além de visitante-observador, seja capaz de reconhecer a si próprio, em perspectiva, no centro da história em curso, ao mesmo tempo em que também questiona o esquecimento ou silenciamento promovido por mecanismos e acontecimentos históricos, sociais e culturais. No campo do patrimônio, por muito tempo foi dedicada maior atenção ao patrimônio dito de “pedra e cal”. Em 2003 o reconhecimento do Patrimônio Imaterial pela UNESCO ampliou o conceito de patrimônio e é nesta corrente, valorizando a imaterialidade da memória como recurso humano, que julgamos indispensável falar do conjunto de memórias vivas abrigadas pela fachada em estilo eclético do Asylo de Mendigos de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

Após três meses de extensão podemos refletir sobre o impacto causado pela nossa presença semanal, sobre os vínculos afetivos gerados, sobre a importância da escuta e sobre formas de ampliar o projeto atendendo às carências observadas. Nesse sentido, mutirões com profissionais e estudantes de áreas distintas do

conhecimento, sobretudo, parcerias com cursos da área da saúde podem gerar transformações positivas na instituição, além de constituir-se como excelente fonte de conhecimento aos alunos em formação. Julgamos de extrema importância uma parceria com as áreas: fisioterapia, psicologia, artes, teatro, educação física, oftalmologia.

O fato dos idosos sentirem-se valorizados é um resultado positivo desse projeto de extensão, pois isso afeta positivamente a sua saúde. A valorização do seu passado e a construção de algo conjunto no presente, fortalecendo a identidade e a auto estima, desfoca dos problemas e dá sentido aos dias, com ânimo para novos projetos no presente. O que fica claro quando nos mostram seus produtos: tricô, crochê, bordado; pesquisa e construção de painéis com recorte e colagem; fabricação de bolsas e comidas para a recepção do evento, etc. Embora geradores de ansiedade momentânea, engajá-los em propostas externas e tirá-los do ciclo marcado pelos horários das atividades de vida diária (refeições, higiene, sala da TV) rejuvenesce o espírito, alegra e reativa memórias positivas. Ainda em andamento, o projeto pretende dar continuidade às atividades com os idosos e retratá-los em uma exposição de curta duração, prevista para outubro, acerca de suas histórias de vida e seus objetos afetivos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAUMAN. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história histórias cultura. São Paulo: Editora brasiliense, 1994.
- BEZERRA, D. B. **Patrimônio afetivo e fotografia**: relicários da memória de idosos no Asylo de Mendigos de Pelotas. 2013. 242f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Curso de Pós-graduação em Memória e Patrimônio, Universidade Federal de Pelotas.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SANTACANA MESTRE, J.; HERNÁNDEZ CARDONA, F. **Museologia crítica**. Gijón: Trea, 2006.
- SCHEINER, T. Criando realidades através de exposições. **MAST Colloquia**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 7-38, 2006.